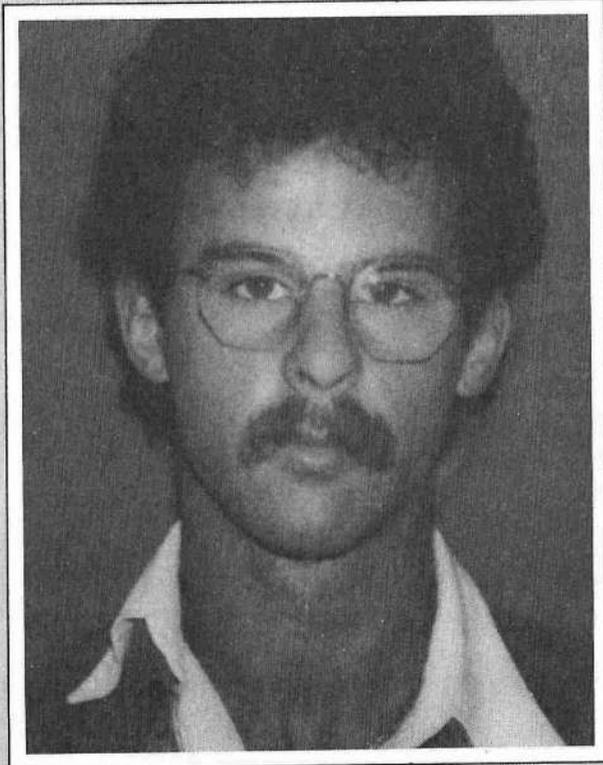


Dados Biográficos



Pedro Luiz Galves

Pedro Luiz Galves nasceu em São Paulo no dia 17 de maio de 1957, primeiro filho de Anastácia Guglielme Galves e Pedro Miguel Galves.

Jovem alegre, tinha muitos amigos e gostava de esportes. Trabalhava no Departamento de Serviços Viários de São Paulo como estagiário de engenharia de tráfego e cursava o 3º ano da Faculdade de Engenharia São Judas quando adoeceu, vindo a desencarnar no dia 17 de agosto de 1981.

A mensagem que enviou a seus familiares, 1 ano após sua morte, foi portadora de conforto e esperança e um marco decisivo em suas vidas. De formação católica, Dona Cecina* já freqüentara reuniões espíritas na casa de sua cunhada Dona Carminha Latorre; porém, necessitava de alguma prova que trouxesse confiança a seu coração. Eis o depoimento de sua experiência:

* Tratamento recebido por dona Anastácia de seus amigos.

Depoimento

“Será que existe mesmo outro mundo? Queria uma prova de que só eu soubesse, para que pudesse acreditar que um dia voltarei a vê-lo. Queria ir a Uberaba, ver Chico, quando da data de 1 ano da morte de meu filho. Nunca comentei nada com ninguém, mas no fundo vivia sofrendo pela dúvida.

Assim, fui até lá e tive o testemunho de que necessitava. Emoção como a que senti nessa madrugada, só quando meus filhos nasceram. A mensagem foi muito completa e tocou a todos os presentes, pois choraram. Hoje vivo feliz pois criamos novo ânimo de viver: estamos mais equilibrados. Quando leio a mensagem é como se estivesse conversando com ele. Tenho a certeza e esperança de que vamos nos encontrar algum dia. Reencarnação e comunicação entre espíritos e homens são agora uma realidade para nós.”

Anastácia Galves

Mensagem

Querido Papai Pedro e querida Mamãe, ainda, estou um tanto frágil neste recomeço de vida espiritual, mas é preciso arriscar a escrever-lhes. A tia Carminha¹ animou-me e estou pronto a trazer-lhes o coração.

Agradeço as flores de reconforto que me doaram, com tanto carinho, na terça-feira última, quando a folhinha trouxe o dezessete.

Para expressar-me com sinceridade, papai, eu nunca imaginei que me fosse permitido endereçar-lhes as minhas notícias, depois da grande mudança que atravessei. Impossível cogitar disso quando me via no amanhecer da existência, estudava, sonhava, namorava e vivia... Como prender o pensamento ao que me parecia remoto ou inútil?

Enquanto criança, adorava as palavras da Mamãe acerca de Deus. Lembro-me do respeito que ela sabia situar em meu coração e em nosso Luiz Alberto² para nos dedicarmos a Jesus. Depois, foi a vida, a escola, o colégio, os amigos...

Não me recordo de haver tocado em assuntos de vida espiritual com ninguém, a não ser (nessa matéria), a conversar, com o respeito que em casa aprendia a tratar as pessoas, fossem elas quem fossem. Com tudo isso, a doença veio, assim, à maneira de uma dor pequenina que a gente afasta com o milagre dos comprimidos. Em seguida, surgiram os sintomas desagradáveis. Logo após vieram os médicos

e os exames. Aquilo tudo parecia não ter fim. Remédios e mais remédios para um rapaz que vendia saúde.

Às vezes sentia-me acanhado de confessar-me doente. Não estimava os gestos de simpatia demasiada para comigo e admitia que andavam exagerando....

Mas a querida Mamãe passou a conhecer comigo aquele noite-a-noite, com os tranqüilizantes que não nos tranqüilizavam. Perdi peso, perdi o contato com a satisfação nos passeios comuns, estranhava os amigos e via nos olhos deles o espanto que lhes causava...

Notava o Luiz preocupado comigo. Por quê? Estava bem, quando ignorava que estava bem mal com a saúde em processo de agastamento. O quarto era agora a minha residência na residência, o leito o meu ponto fixo.

Passei a observar o meu estado em seus olhos, Papai, e alarmei-me. Perguntava e ninguém sabia o que me acontecia, até que me rendi. Era impossível suportar tantas picadas de injeções e aceitar o tormento dos exames que me seguiam...

Chegou aquele agosto difícil... Já não conseguia respirar como antes. Cansava-me até mesmo no fato de articular uma palavra. Devia estar pálido, terrivelmente abatido, porque junto de mim, queria apenas os mais íntimos. Mamãe, na figura da paciência, era o anjo e a enfermeira. Até que o domingo apareceu. Era um domingo repleto de expectativa, todos falavam em voz baixa. E eu lutava com todas as minhas forças para respirar sem sacrifício. A noite passou ou ficou, não sei bem...

Parece-me que foi nessa noite de domingo que escurecia a segunda-feira que vi a Tia Nena³ vagamente perto de mim... Quis conversar com ela, fa-

lar ao Tio Chico⁴ e as forças não davam para isso. Penso que eu devia estar morto, conforme o que se pensa da morte...

Observei sem parecer que observava que a Mamãe se afastava com a Tia Nena para outro quarto, mas os meus olhos estavam diferentes. Não mais vi paredes, nem objetos. Minha visão se ampliava e no corpo a desmontar-se ou fora dele, vi-me ao lado da Mamãe e da Tia Nena, com o senhor mesmo e com o Tio fazendo uma oração, em que meu nome era pronunciado... Voltei-me para a retaguarda e vi a Tia Carminha sentada a me sorrir...

Tia Carminha? A lucidez não me abandonara. Tia Carminha não era mais nossa. Partira para Deus.

Outra senhora, semelhante a ela mesma, se aproximou de mim...

Tremia. Ignorava em que situação me encontrava e tentei recuar sem meios de fazer isso. Foi a Tia Carminha quem se ergueu e veio a mim, dizendo:

“Pedrinho, você com medo? Por quê? Não nos conhece mais?”

Aquele olhar dela me envolveu e cai nos braços com que a tia me esperava... Então, compreendi tudo e chorei muito...

Então era preciso morrer quando mais vivia? Era necessário afastar-me da família para avançar no desconhecido quando estudara tanto para adquirir as qualidades com que pudesse servir com mais segurança? Por que deixar meus pais e meu irmão quando os amava tanto? Quisera tanto encontrar o tempo de fazer a minha própria casa e cultivar as alegrias de um pai feliz de filhos felizes!

Tia Carminha colocou-me em seu colo, depois

de sentar-se novamente e me disse:

“Pedro, nada mudou. Estaremos juntos, também sou mamãe pelo coração e Deus nos protegerá...”

Aqueles meus soluços e indagações me haviam fatigado e aceitando a bondade da tia dormi e fui transportado para o lugar repleto de alegrias e saudades de onde regresso para dizer-lhes que estou bem, conquanto sob a vagarosa transfiguração a que nos vemos compelidos por aqui.

Papai, perdoe-me se lhes conto o que sucedeu. Creia que lhes digo a verdade. A morte é uma transformação de vida externa. Sei que é assim porque o coração de seu filho é seu e sempre o mesmo.

Agora já conheço outras pessoas queridas. A vovó Dolores,⁵ que se parece com a tia Carminha como se fossem irmãs gêmeas, a vovó Ana⁶ e outras afeições.

Não posso escrever muito mais. Estou com as lágrimas de alegria e de sofrimento ao recordar tudo, tão completamente tudo, como foi em meu primeiro dia.

Pai amigo, agradeço por tudo. Mãe querida, sou e serei sempre seu filho. Querido Luiz Alberto, não o esquecerei. Lembre-me vivo. Não me recordem na feição com que me deslanchei do corpo doente que eu não suportava mais. Saibam que os amo. Isso para mim é tudo. Não tenho idéias outras senão estas, informá-los de que continuo vivendo e que tudo farei para lhes ser útil.

Lembranças e lembranças a todos. Aos pais queridos, todo o carinho encharcado de saudade do filho que lhes agradece e pede a Jesus recompensá-los pela vida feliz que me deram e pela esperança

que ainda hoje me acendem no coração.

Sempre o filho e companheiro, sempre grato,

Pedro Luiz Galves
20 de agosto de 1982

- 1 - Carmen Galves Latorre - tia paterna, desencarnada - vide pág. 27
- 2 - Luiz Alberto - irmão
- 3 - Encarnação Blasques Galves - tia
- 4 - Francisco Galves - tio paterno
- 5 - Dolores Sanches Galves - avó paterna, falecida a 19 de setembro de 1942
- 6 - Ana Guglielme - avó materna